

I

— Há uma data na varanda desta sala — disse Germana — que lembra a época em que a casa se reconstruiu. Um incêndio, por alturas de 1870, reduziu a ruínas toda a estrutura primitiva. Mas a quinta é exactamente a mesma, com a mesma vessada, o mesmo montado, aforados à Coroa há mais de dois séculos e que têm permanecido na sucessão directa da mesma família de lavradores.

— Uma espécie de aristocracia *ab imo*. — E Bernardo riu-se, cheio duma ironia afável e quase distraída; tirou do nariz as lunetas, muito maquinal, colocou-as de novo, ajustando as molas de oiro nos vincos que pareciam o sinal de unhadas, e, com um piscar precipitado, como quem bruscamente transita da obscuridade para a luz, disse ainda — «*Ab imo*, da terra...», pois ele considerava a cultura como um privilégio pessoal, e nunca perdia a oportunidade de se mostrar generoso, transmitindo-a. Pertencia ele ao ramo da família que do capitalismo ascendera ao posto imediato da intelectualidade, e nisso fixara uma aristocracia. Pois que é a aristocracia senão o degrau mais alto que uma sociedade deseja atingir, a supremacia de determinada classe sobre as outras, a imposição dos seus valores, sejam eles de força, de trabalho, de espírito, conforme a época que lhes é propícia? A família de Bernardo Sanches tinha adquirido um estado aristocrático, o que quer dizer que estacionara no cumprimento de determinada herança de hábitos, frases, opiniões que, uma vez desprendidos da personalidade que os fizera originais, restavam agora somente como snobismos e ocas imitações. Enfim, o talento da imitação — pensava Germana — chegava a ser tão característico

como uma originalidade, não só em determinadas famílias como, mais genericamente, em determinados povos. Bernardo Sanches era o exemplo duma raça heróica e magnífica, enquanto a sua história fora uma questão de sobrevivência, mas que, com a segurança e o conforto, resultara numa brilhante mediocridade. Germana, sua prima, era, por seu lado, um tipo fatídico das degenerescências, o artista, o produto mais gratuito da natureza e que se pode definir como uma inutilidade imediata. Era ela uma criatura paciente, tímida, e que inspirava confiança sem limites. Os artistas, que, em geral, se fazem notar pela sua excêntrica banalidade e que se distinguem dos burgueses porque vivem as extravagâncias que os burgueses reprimem em si próprios, não se pareciam nada com Germa. Ela tinha o espírito de parecer vulgar. Um dos seus prazeres consistia em analisar-se como o conteúdo de todo um passado, elemento onde reviviam as cavalgadas das gerações, onde a contradança das afinidades vibrava uma vez mais, e aptidões, gostos, formas que, como um recado, se transmite, se perde, se desencontra, surge de novo, idêntico à versão de outrora. Ela balançava-se activamente numa velha *rocking chair* que, a cada impulso mais violento, pulava no sobrado, onde se acumulavam pilhas de maçãs sustidas por tábuas muito esfareladas de serrim. Tal como Quina — pensou. E, absorta, pôs-se a murmurar um lento monólogo, olhando à sua frente o caixilho da porta que comunicava com a cozinha, onde se via a pedra da lareira, arrumada e varrida de cinza.

— Você que diz, Germa? — perguntou Bernardo. Perscrutava-a com uma curiosidade passageira, um tanto mortificado porque alguma coisa que não ele próprio o obrigava a inquietar-se. Como ela o fitasse apenas, sorridente e sem lhe falar, achou mais cómodo sentir-se ali o hóspede venerável, e tomar aquele silêncio ainda como uma cortesia. Mas, na verdade, Germa nem sequer pensava nele. Suspeitar isto — ele sabia — seria o bastante para que Bernardo não voltasse mais e estabelecesse no fundo da sua alma uma permanente disposição de vingança. Preferiu, portanto, ignorar que Germa estava nesse momento totalmente desligada e ausente de si, e que subitamente o ambiente ficara repleto doutra presença viva, intensa, familiar, e que aquela sala, de tecto baixo, onde pairava um cheiro de pragana e de maçã, se enchia duma expressão humana e calorosa, como quando



Germa com o primo Bernardo, na sala

alguém regressa e pousa o olhar nos antigos lugares onde viveu, e o seu coração derrama à sua volta uma vigilante evocação. E, brusca-mente, Germa começou a falar de Quina.

Era em Setembro, e a casa, temporariamente habitada, expulsava o seu carácter de abandono e de ruína, com aquele calor de vozes e de passos que amarrotam folhelhos amontoados em todos os sobrados. O tempo estava morno, impregnado dessa quietude de natureza exaurida que se encontra num baque ondulante, de folha, ou na água que corre inutilmente pela terra eriçada de canas donde a bandeira de milho foi cortada. Desde a morte de Quina, nunca mais a casa tivera aquela emanção de mistério grotesco ou ingénuo; e Germa não encontrava mais sabor nos serões ao borralho, mexendo as achas, fazendo rodinhas de fogo-presos com o atiçador esbraseado, ou catando nos escanos o rapa do Natal, em cujas faces as letras tinham sido desenhadas com tinta venenosa de bagoinhas. Ah, Quina, tão estranha, difícil, mas que não era possível recordar sem uma saudade ansiada, quem fora ela?

Joaquina Augusta nascera nessa mesma casa da Vessada, setenta e seis anos antes. Era uma menina de aspecto pouco viável, roxa, moribunda, e que apresentava no pulso esquerdo uma pequena mancha cor de sépia, motivada pelo facto de sua mãe ter sido salpicada de fígado de porco, por ocasião duma matança, estando ela nos primeiros tempos da gravidez. Era a segunda filha que vingava num matrimónio de sete anos, porque os primeiros concebidos não atingiam o termo num organismo muito violentado por desesperados jejuns, angústias de mulher jovem que tem por marido o maior conquistador da comarca. Pois a senhora Maria da Encarnação, escolhida num alfobre de raparigas da casa do Freixo, delicadinha, esguia, os cabelos ripados sobre as fontes, uma cintura muito torneada pelo cinto preto de cetim, como ficou de moda para todas as mulheres da família, ligara-se a um homem mais velho vinte anos e do qual diziam as avós da freguesia, em tom bonachão e um tanto cúmplice, «que tinha pedrinha de encantar». Era mesmo. Casara à socapa, numa madrugada em que a noiva, depois da cerimónia, fora retomar o seu lugar no lar paterno, iludindo assim por algum tempo mais o cortejo das desprezadas, entre elas as próprias irmãs. Francisco Teixeira era, de facto, um galã feliz. Possuía ele casa de lavoura e bens ao luar de

sobejo interesse, e que administrava mal, pois era feirante por índole, amigo de gozos, vida larga, gostando de presumir grandezas, generosidades e essa bazófia genuína, mais feita de descrição do que de alardes pimpões. Se havia homem pronto a vingar afrontas de compadrio, a ensarilhar o pau, a varrer testadas, fazendo acudir a tropa entre o escabrear do gado e os gritos das velhas que se esgueiram de rastos, salvando na abada do avental o que restasse do gigo dos ovos, era esse Francisco Teixeira. Tipo pequeno, de muito nervo, prudente e conciso de falas, ciente do prestígio das suas suíças loiras junto das mulheres, para quem o tisonado de árabe merecia descrédito em coisas apolíneas, assim era ele. Com nove anos, Maria da Encarnação apaixonara-se por ele, uma tarde em que, de passagem pelo lugar, se vira impedida de pular um córrego avolumado pela invernia; a água espumejava precipitando-se num barranco entre duas arribadas, sobre as quais vergavam os lódãos, muito batidos pelo vento.

— Que fazes aqui, menina? Tu de quem és? — disse Francisco Teixeira, que passava, a gola picarça do capote afogando-lhe meio rosto. Maria respondeu com uma vozinha tímida, porém seca e rebelde:

— Sou do Freixo... — E tentou apelar-se do muro, cuja interrupção oferecia uma espécie de degrau que permitia o acesso às veredas na margem dos campos. O moço disse, serenamente, quase severo:

— É já de noite; eu vou levar-te a casa. Eu conheço o teu pai, e sempre lhe vou perguntar se isto são horas de deixar andar por fora uma mulher como tu.

— Cantés! — bradou Maria, elevando a voz, para que o fragor da torrente que gorgolejava entre as lajes brancas não lhe sumisse as palavras. Ela conhecia Francisco Teixeira, a quem as irmãs, criaturinhas espigadas e ladinas, celebravam muito, corando só de lhe pronunciar o nome. Lado a lado, caminharam juntos naquele crepúsculo que a chuva fazia alvacentos, brilhando ao cair, espelhando nos charcos, nas lamas, nas folhagens. O homem falava, e a sua voz era cheia duma ternura irónica que comunicava no coração da criança um desejo de desforço e uma emoção quente, de aliança, de gratidão. Chegaram, e disse Francisco Teixeira, antes de se despedir, enquanto do portal iluminado pelo fogaréu do lar o espreitavam as moças, mordendo-se de risos impulsivos, incontrolláveis e maganos: